



ORGULHE-SE LGBTQIAP+

**CULTURA
DESAFIOS
EDUCAÇÃO
HISTÓRIA
INFLUENCERS
POLÍTICA**

26 LG 26 LG 26 LG 26 LG 26 LG 26 LG 26 LG 26 LG 26 LG
EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO

26 BT 26 BT 26 BT 26 BT 26 BT 26 BT 26 BT 26 BT 26 BT 26 BT
EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO

26 QI 26 QI 26 QI 26 QI 26 QI 26 QI 26 QI 26 QI 26 QI 26 QI
EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO

26 AP 26 AP 26 AP 26 AP 26 AP 26 AP 26 AP 26 AP 26 AP 26 AP 26 AP
EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO

26 + 26 + 26 + 26 + 26 + 26 + 26 + 26 + 26 + 26 + 26 +
EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO EDIÇÃO | AGO

PETPETPETPETPETPETPETPETPETPET
PETPETPETPETPETPETPETPETPETPET

apresentação

A 26ª edição do Jornal Conectando Saberes do PET Diversidade e Tolerância, traz como tema: a Comunidade LGBTQIAP+.

O grupo teve a ideia de apresentar algumas histórias da comunidade LGBTQIAP+ sobre diversos aspectos: história, educação, mídias, entre outros. De modo a trazer os assuntos a discussão, afinal, mesmo com tantas conquistas ainda se faz necessário o debate, pois ainda se há uma grande caminhada em busca de seus direitos, de respeito e de espaços que os incluam pela frente. Esperamos que estas matérias instiguem os leitores a saberem mais sobre a comunidade LGBTQIAP+. Muito respeito e amor sempre. Boa leitura!



OS DESAFIOS DE UMA MULHER TRANS NO ESPORTE

A prática do esporte, de maneira geral, na sociedade brasileira sempre foi incentivada para os homens. Ainda assim, há muitas mulheres que mudaram a perspectiva do que era esperado delas e, de maneira persistente e com muita ousadia, se tornaram atletas e conquistaram reputações importantes no esporte e na sociedade. No entanto, no caso de mulheres trans os desafios são ainda maiores, isto porque sofrem preconceitos por serem mulheres e serem parte da comunidade LGBTQIAP+, ou seja, fazem parte de dois recortes sociais que enfrentam muitos problemas de preconceito e violências na sociedade.

No contexto atual da sociedade brasileira, o esporte ainda é muito limitado para a diversidade sexual, já que se vê muitas direções de clubes sendo lideradas por homens, sendo estes machistas e homofóbicos.

No que se refere às pessoas transgêneras entende-se que se trata de alguém diferente do dispositivo binário do gênero político, cultural, sócio-histórico, ou seja, estas pessoas não estão em conformidade com o gênero determinado pelo seu nascimento e no registro civil, não se identificando com o seu sexo biológico. Define-se transgênero numa perspectiva global, que abrange todas as pessoas e corpos diferentes do dispositivo binário instituído, por exemplo, pessoas transexuais (IWAMOTO, 2019).

Ainda, segundo Iwamoto (2019), no esporte há influências significativas na ordem social e cultural da sociedade, há também diferenças quanto à compreensão do esporte e suas funções sociais em contextos distintos, ou seja, varia de acordo com o contexto de cada cultura e comunidade. Essas questões se relacionam tanto ao esporte de alto rendimento, quanto a outros esportes e ao lazer. Muito embora as mulheres tenham conquistado espaço no cenário do esporte, este ainda se representa como hegemonicamente masculino, isso porque há uma centralidade do esporte nos homens. Com isso, as mulheres transgêneras são ocultadas ou minimizadas dentro da sociedade dominada por homens.

Os padrões normativos no esporte ainda imperam não somente nas questões de gênero, mas também implicam nas relações à orientação sexual do sujeito. Por meio de observações etnográficas realizadas em uma competição estadual de futebol feminino, os autores Camargo e Kessler podem constatar que a identidade de gênero das futebolistas era composta por interpretações baseadas em elementos como gestos, acessórios de beleza, vestimentas e voz, atributos ditos "masculinos" e "femininos", que começam a ser resignificados, conforme esses contextos existentes. Relacionada às questões feministas mais amplas, vinculadas aos sujeitos, as jogadoras de futebol não apenas não se submeteram

totalmente a determinações sociais e institucionais, como também passaram a transgredir diretrizes e regras, quando demonstram superioridade física a muitos homens (CAMARGO; KESSLER, 2017).

Segundo Camargo e Kessler, no campo esportivo estes corpos, que apresentam alterações biotecnológicas, fisiológicas, hormonais, são subjetividades que buscam romper o preconceito, em prol da construção de uma comunidade esportiva diversa e inclusiva, seja ela nas modalidades do futebol, por exemplo, ou em outras áreas do esporte.

O preconceito é identificado pelo sujeito que possui alguma opinião de forma unilateral, ou seja, não se apropria de qualquer ideia diferente da sua. No caso da jogadora de vôlei Tiffany Abreu, de 35 anos, houve grande repercussão de muitas falas de preconceito e expressões de posicionamentos estereotipados nas redes sociais (IWAMOTO, 2019), uma vez que ela foi a primeira mulher transexual a competir um campeonato oficial.

De acordo com Moreira (2020), no caso da jogadora de vôlei Tiffany, foi possível notar reações públicas de muita intolerância, repulsa e transfobia, em reportagens e em comentários de redes sociais, tanto no Brasil, quanto na Itália, país onde a jogadora também atuou. O mais importante é ressaltar que as críticas e os preconceitos não abalaram a sua coragem e a jogadora continuou como destaque nas quadras, e ainda, lutou por espaço e voz na política, inclusive foi candidata à Deputada pelo Estado de São Paulo, em 2018 e, obviamente, ativa nas pautas LGBTQIAP +.

O referido acontecimento movimentou o esporte brasileiro, provocou debates nas esferas sociais e gerou opiniões em torno do assunto, já que este foi o caso da primeira mulher transexual a jogar profissionalmente na superliga feminina de vôlei. Tiffany entrou para a história da categoria em 10 de dezembro de 2017 e seu desempenho em quadra atraiu ainda mais holofotes das mídias (BOTELHO; AGUIAR; QUADRADO, 2019).

Outra questão relevante é que a conduta preconceituosa de líderes políticos é um importante combustível na chama do preconceito para a postura do público que os apoia. Em contrapartida, é importante combater qualquer tipo de preconceito e transfobia dentre muitos outros preconceitos, na perspectiva de construir uma sociedade de respeito, sobretudo. Nesse sentido, cabe incentivo de educação da população e com Políticas Públicas para a comunidade LGBTQIAP+.

Diante do exposto, que muitas mulheres trans possam descobrir seus talentos esportivos e possam desafiar toda esta sociedade, para que, desta forma, o preconceito e a transfobia se tornem apenas uma “vergonha alheia” de um passado que deverá sempre ser lembrado para que assim, evitando que seja repetido. Que as famílias de pessoas trans sejam respeitadas e amáveis para com as suas crianças, para que as descobertas sejam de liberdade e não de traumas. Dessa forma, avante para a liberdade das mulheres trans, “lugar de mulher é onde ela quiser”.



Referências

CAMARGO, Wagner Xavier; KESSLER, Cláudia Samuel. Além do masculino/feminino: Gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 191-225, jan. 2017.

IWAMOTO, Thiago Camargo. **A repercussão da inclusão de pessoas transexuais no esporte: o discurso nas redes sociais sobre o caso da jogadora Tiffany.** 2019. Tese (Doutorado em Educação Física) - Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física da Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MOREIRA, Lidiane. Estudos da subjetividade. Uma aproximação interdisciplinar. In: TORRES, José Fernando Patino (org.) **Mulher trans no vôlei brasileiro: reflexões a partir da subjetividade social.** Palmas: Editora EDUFT, 2020. p. 106-113.

BOTELHO, Joziel Gonçalves; AGUIAR, Thais Geraldo Oliveira; QUADRADO, Raquel Pereira. Problematizando questões de gênero: “A força de uma mulher forte”. *RELACult*, - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. V. 05, ed. especial, abr., 2019. Artigo nº 1321.

Redatoras: Dulcinéia Esteves Santos e Eliana Duarte da Rocha



EDUCAÇÃO E AS PAUTAS LGBTQIAP+: UM ENTRELAÇAMENTO NECESSÁRIO

Sabe-se a enorme influência que a escola tem na vida das pessoas e na sociedade de forma geral, sendo um espaço de encontro e convivência, que congrega pessoas advindas de diferentes contextos e culturas. Neste sentido, entende-se que a escola pode e deve ser um ambiente seguro e, também, de acolhimento, não só dos estudantes LGBTQIAP+, mas das importantes pautas e debates que o envolvem para toda a comunidade escolar.

Sendo assim, a escola, além de oferecer um espaço de escuta aos estudantes, para que estes sintam-se seguros, torna-se importante para promover, dentro do ambiente escolar, discussões em torno deste tema para que mais pessoas possam compreender do que se trata e, principalmente, para que saibam posicionar-se em situações de preconceito e discriminação, ou mesmo, para que não sejam as propulsoras de atitudes de aversão, como homofobia, lesbofobia, transfobia, etc. Cabe ressaltar, que a escola, muitas vezes, é o único espaço que os estudantes vislumbram para tirar as suas dúvidas frente a estas questões além de pesquisas realizadas na internet e, por isso, há absoluta relevância desta temática no ambiente escolar.

Assim, a escola pode incentivar um trabalho que promova as discussões em torno das pautas que envolvem as questões LGBTQIAP+, não só com os estudantes, mas também com as famílias e a equipe da escola, de forma a envolver todas as pessoas que compõem a comunidade escolar.

Dentre as temáticas abordadas, é importante focar no respeito, para que a escola seja de fato um ambiente de inclusão a todas as pessoas. Mia Fidelis (2020) pontua que “não é algo que se precisa gostar, não é algo que se precisa aceitar, nem nada do tipo, é único e exclusivamente respeito, respeito é essencial”, afirma.

Começar este trabalho desde a Educação Infantil, com as crianças pequenas é de suma relevância, pois estão na fase de formação e amadurecimento, não só de seu corpo propriamente dito, mas também de ideias e concepções.

A escola enquanto instituição social não pode silenciar-se diante de um tema tão importante e, portanto, precisa desenvolver um trabalho que envolva as questões LGBTQIAP+, de modo a fortalecer sujeitos mais humanos e respeitosos, valorizando a diversidade não só presente na escola, mas em toda a sociedade.

É importante destacar que a diversidade e as pautas que dela emanam, não podem restringir-se somente às datas comemorativas, é preciso haver um trabalho sistematizado na escola, de modo que seja de fato um tema trabalhado pela escola ao longo de todo o ano letivo e/ou escolar. Outra questão importante, é que esta temática seja trabalhada em todas as disciplinas, pois não é algo exclusivo da matéria de biologia, por exemplo, como comumente é abordada.

Por meio de um trabalho interdisciplinar, é possível envolver os mais diversos assuntos, de forma a interligar as diferentes áreas do conhecimento, contemplando assim importantes pontos que permeiam este debate tão necessário, sobretudo na conjuntura atual, marcada por negacionismos.



Conclui-se que fomentar este trabalho já na escola, com as crianças pequenas, é muito importante, para que possamos construir, desde a base, sujeitos mais sensíveis, respeitosos e tolerantes.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; WAISELFISZ, Júlio Jacobo. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?** Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015. Disponível em: http://flacso.org.br/files/2015/11/LIVROWEB_Juventudes-na-escola-sentidos-e-buscas.pdf. Acesso em: 23 de jun. 2021.

CARRARA, Sérgio (Org.). **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo.** Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009. Disponível em: <http://www.eclam.org/downloads/GDE_VOL1versaofinal082009.pdf>. Acesso em 23 de jun. 2021.

FIDELIS, Mia. **Entenda as siglas LGBTQI+.** Youtube, 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/ziQx9xSOxnk>> Acesso em: 22 de jun. 2021.

GALASSI, Vanessa. **A construção de um Brasil sem transfobia passa pela sala de aula.** Sindicato dos professores no Distrito Federal (SINPRO), 2021. Disponível em: <<https://www.sinprodf.org.br/a-construcao-de-um-brasil-sem-transfobia-passa-pela-sala-de-aula/>>. Acesso em: 23 de jun. 2021.

Silêncio da escola em relação à diversidade sexual prejudica a todos. Aprendizagem em foco. Disponível em: <<https://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/11/>> Acesso em: 22 de jun. 2021.

Redatora: Liésia Bubolz Rutz

REPRESENTATIVIDADE LGBTQIAP+ NAS REDES SOCIAIS: OS CRIADORES DE CONTEÚDO

É sabido que o contexto contemporâneo e a ascensão dos debates políticos, sociais e econômicos, estão cada vez mais mediados pelas tecnologias e muito presente nos meios de comunicação digital, como Instagram, Twitter e Youtube. Redes que vem sendo utilizadas com muita propriedade para disseminar as representações LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e mais) e ainda, discutir sobre os espaços e direitos que a comunidade citada anteriormente luta diariamente para se inserir e se sentir representada.

Mas por que é importante que se tenha representações LGBTQIAP+ nas redes sociais e outros?! Januário (2016) defende que as representações desempenham um papel fundamental na construção de identidades. Portanto, às mídias sociais são uma ferramenta de comunicação capaz de reproduzir discursos, muita das vezes não isentos de posicionamento político, que poderão fornecer através deste meio, uma análise crítica e reflexiva para os debates das identidades de gênero e orientações sexuais na mídia.

Contudo, é fundamental que antes mesmo de transcorrer mais sobre a questão da representatividade haja um esclarecimento da diferença entre sexo, identidade de gênero e orientação sexual. De acordo com Florence (2016) o sexo está relacionado ao aspecto biológico, ou seja, aos órgãos genitais, que se caracterizam por macho, fêmea ou intersexo.

Sendo assim, o sexo se difere da identidade de gênero, que é a condição emocional que é sentida por um indivíduo. Já a identidade de gênero é dada culturalmente, historicamente e socialmente, levando em conta atribuições individuais como gostos, representações, costumes e comportamentos. Ainda, Butler (2003, p.24) diz que “o gênero é culturalmente construído, conseqüentemente, não é nem o resultado casual do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo.” Ademais, quanto a identidade de gênero temos: os transgêneros (pessoas que não se identificam com as características genéticas dadas a elas no nascimento) e os cisgêneros (pessoas que se identificam com as características de gênero designadas a elas no nascimento).

Para mais, destaca-se o significado de orientação sexual, a qual se refere a atração e ao desejo, considerando o sentimento amoroso, afetivo e sexual da pessoa. Existindo: os homossexuais (pessoas que se atraem por outras do mesmo sexo/gênero); os heterossexuais (as que sentem atração afetiva pelo sexo/gênero oposto); os bissexuais (que sentem atração afetiva e sexual por qualquer pessoa do binarismo de gênero – “homens” ou “mulheres”); assexuais (pessoas que não são atraídas por nenhum tipo de gênero); e os pansexuais (atração afetiva ou sexual que não depende de gênero ou sexo).

Entretanto, é importante enfatizar que existem outras diversas formas de orientações sexuais que ainda são analisados por pesquisas científicas e que não se limita com as já citadas anteriormente, por isso o “+” presente na sigla LGBTQIAP+.

Após os devidos esclarecimentos, volta-se a questão da representação dada por meios digitais. Atualmente, muitos influenciadores ou criadores de conteúdo, tem utilizado de suas redes sociais para esclarecer, para auxiliar, tirar dúvidas, propagar uma interseção sobre os discursos de gênero e da sexualidade, através de experiências próprias, análises de acontecimentos, discussões cinematográficas, e inclusive, acabam sendo protagonistas de muitas marcas famosas que têm dado espaço para a comunidade LGBTQIAP+ com o intuito de promover a inclusão, a exemplo disso, Pablllo Vittar que fez parte da campanha de cerveja Amstel, um mercado que a pouquíssimo tempo se pensava ser impossível ser alcançado por uma drag queen. Essas pessoas, como influenciadores são rostos que inspiram e acabam tendo um papel muito importante na vida daquele indivíduo que se encontra perdido sobre o que sente, podendo também, “salvar” indiretamente muitas vidas que não se sentiam parte de nenhum lugar. Sendo assim, fica evidente que ter representações são de suma importância, na construção do indivíduo, seja ele LGBTQIAP+, negro, deficiente, entre outros. Pensando nisso, trago algumas figuras importantes no cenário LGBTQIAP+ que buscam através de seus conteúdos trazer uma análise crítica e reflexiva para os debates das identidades de gênero e orientações sexuais na sociedade:



Louie Ponto, natural de Florianópolis, é lésbica e vegetariana. Formada em Letras Português pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Mestre em Literatura, através de suas redes sociais fala sobre temas como feminismo e sexualidade.

Conheça Louie:

[Instagram](#)

[Youtube](#)

[Twitter](#)



Nataly Néri, é formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), vegana, negra e pansexual. Em seus conteúdos aborda temas como: moda consciente, empoderamento, estética negra e questões relacionadas a representatividade LGBTQIAP+.

Conheça Nataly:

[Instagram](#)

[Youtube](#)

[Twitter](#)

Jonas Maria, é natural de Minas Gerais, formado em Letras pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), é escritor e transexual. Hoje através de suas redes sociais fala sobre gênero e estudos, desmembrando os assuntos em outros temas como: questões LGBTQIAP+, análise de filmes e séries, dicas de estudo, entre outros.

Conheça Jonas:

[Instagram](#)

[Youtube](#)

[Twitter](#)



Para conhecer outros criadores de conteúdos além dos apresentados acima, acesse [aqui](#).

Referências



BUTLER, Judith. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades transgressoras. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icaria editorial, 2003.

FLORENSE Livraria. A diferença entre sexo, identidade de gênero e orientação sexual. s./d. Disponível em: <<https://blog.livrariaflorence.com.br/identidade-de-genero-e-orientacao-sexual/>> Acesso em: 20 dez. 2017.

Criadores iD. Vozes LGBT: 22 criadores para ficar de olho em 2020. Disponível em: <<https://criadoresid.com/criadores-lgbt/>>. Acesso em: 22 de junho de 2021.

MARIA, Jonas. Site pessoal. Disponível em: <<https://www.jonasmaria.com/>>. Acesso em: 22 de junho e 2021.

Redatora: Luana Durante Oliveira



PERSONALIDADES HUMANAS LGBTQIAP+ QUE MODIFICARAM O MUNDO E FIZERAM HISTÓRIA NA CIÊNCIA

Várias descobertas históricas que mudaram o mundo foram provenientes de cientistas LGBTQIAP+, a partir do seu reconhecimento intelectual e profissional. Ainda que tenham lidado com um sistema capitalista excludente, mantinham seus estudos e pesquisas, que foram tão importantes para toda a sociedade.

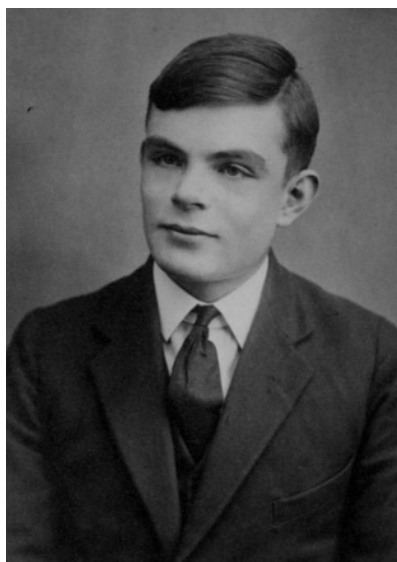
Embora a exclusão continue existindo, há algumas situações a se comemorar, tendo em vista uma maior representatividade dessa população em vários espaços.

Alan Turing

O cientista e matemático Alan Turing, conhecido como o "pai da computação moderna" foi um dos principais responsáveis pela invenção do computador e pela derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial. O cientista desenvolveu uma máquina capaz de identificar os códigos da criptografia alemã e uma outra de armazenamento de dados, o qual é considerado o primeiro computador do mundo. Contudo, apesar de todas as contribuições que trouxe ao mundo, ele sofreu uma forte repressão na década de 1950, sendo preso por "Depravação", quando foi descoberta homossexualidade. Turing foi condenado à castração química. (Fonte: site Tecmundo).

Alan Hart

O médico, radiologista e escritor, Alan Hart, foi um dos nomes mais importantes na pesquisa contra a tuberculose no século XX. Foi ele quem começou a usar a máquina de Raio X para detectar a doença, mudando alguns padrões na Medicina à época. Entretanto, Hart era um homem transgênero e foi o primeiro a fazer a cirurgia de transição de sexo (Não se utiliza mais esse termo de transição de sexo, utilizasse readequação de gênero e ou readequação genital) documentada nos Estados Unidos, o que causou a ele vários problemas durante a sua vida (Site Tecmundo).



Lynn Ann Conway

A cientista Lynn Ann Conway ficou conhecida pela invenção de um aparelho que melhorava a atividade de processadores de computadores. Mesmo com o reconhecimento, foi destituída do emprego e perdeu a guarda dos filhos após revelar que pretendia fazer a transição de gênero, em 1968. Atualmente, Conway é uma das maiores militantes dos direitos trans (Site Tecmundo).

Leonardo da Vinci

O gênio renascentista, Leonardo da Vinci foi importante para as artes, para as ciências e para antever situações relacionadas ao futuro. Foi a primeira pessoa a rascunhar protótipos de metralhadoras, helicópteros, tanques de guerra, energia solar, calculadora, paraquedas e roupas de mergulho. Em registros históricos e escritos pessoais, Da Vinci afirmava ser homossexual (Site Tecmundo).



Referências

TECMUNDO. 6 personalidades LGBTQIA+ que mudaram o rumo da ciência. Acessado em 28 de junho de 2021. Online. Disponível em: tecmundo.com.br/amp/ciencia/218623-6-personalidades-lgbtqia-mudaram-rumo-ciencia.htm.

NATIONALGEOGRAPHICBRASIL. 12 figuras LGBTQIAP+ históricas que mudaram o mundo. Acessado em 28 de junho de 2021. Online. Disponível em: nationalgeographicbrasil.com/cultura/2018/06/12-figuras-lgbt-historicas-que-mudaram-o-mundo/amp.

Redatora: Fernanda Santana dos Santos

Florence Nightingale

Florence Nightingale, foi uma enfermeira revolucionária no tratamento de feridos na guerra, ao liderar e treinar outras enfermeiras no atendimento dos soldados doentes, percebendo que as infecções hospitalares matavam mais do que as batalhas. Na década de XXX, Florence criou o diagrama da rosa, um gráfico com progressão temporal e globular, que demonstrava de forma eficaz, quantitativa e percentual os dados dos enfermos. Ela, durante a sua vida, se relacionou com outras mulheres abertamente (Site Tecmundo).

Frida Kahlo

Frida Kahlo foi uma pintora inteligente e carismática que, através de sua arte, abordava tópicos que eram tabus, como a sexualidade feminina, a dor e os padrões de beleza feminina. Frida declarava abertamente ser bissexual (Fonte: Nationalgeographicbrasil).

PAULO GUSTAVO VIVE

Paulo Gustavo foi um importante ator, humorista e apresentador brasileiro que nos deixou cedo demais, vítima da Covid-19.

Iniciou sua carreira participando ainda como estudante da peça Surto, no ano de 2004, e no ano de 2005 se formou profissionalmente como ator na Casa das Artes de Laranjeiras (CAL), no Rio de Janeiro.

Desde então passou a conciliar teatro e participações em programas de TV, até que surge no ano de 2006 a personagem que ascendeu sua carreira. A personagem Dona Hermínia desencadeou três séries de filmes recordes de bilheteria no Brasil com o "Minha Mãe É Uma Peça".

Paulo Gustavo conquistou o público brasileiro por seu talento, essência, sua autenticidade, seu modo de viver, mas principalmente por sua forma de fazer humor.

Em suas interpretações representou milhares de mães brasileiras e incentivou milhares de jovens a irem atrás de seus sonhos e não deixarem de ser quem são, pois em seus filmes retrata o amor incondicional de uma mãe que apoia seus filhos independente de suas escolhas.

Paulo Gustavo era um homem gay, casado e pai de dois filhos, gerados por uma barriga de aluguel, e também por isso torna-se uma figura importante para a comunidade LGBTQIAP+, pois com sua forma de fazer humor convida o público brasileiro a rir com a comunidade LGBTQIAP+, e não rir da comunidade, como costumava ser.



Em sua vida pessoal e profissional quebrou paradigmas e enfrentou com humor e perseverança os padrões preconceituosos da sociedade brasileira, contudo, deixou um forte legado, especialmente para a arte e para a comunidade LGBTQIAP+, pois mostrou que a comédia é uma forma de expressão que pode contribuir para a construção da sociedade, sobretudo, para sua transformação. E ainda, conquistou profissionalmente sua posição exaltando sua orientação sexual com orgulho, alegria e amor.

Paulo Gustavo faleceu aos 42 anos de idade tornando-se mais uma das vítimas de Covid-19 no Brasil, comovendo o país inteiro pela grande e representativa perda para o teatro, cinema, televisão, mídia e cultura brasileira, deixando claro que para o vírus não existe classe social, etnia, ou gênero, e que é preciso adotar com seriedade as medidas de prevenção para diminuir os riscos de contágio, para que nos mantenhamos com saúde física e mental e possamos tão logo retornar a nossa vida com vigor para lutar por nossos sonhos e viver grandes momentos.



Referências

Correio Braziliense. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/05/4922533-paulo-gustavo-deixa-legado-importante-para-o-humor-brasileiro.html>>. Acesso em: 06/07/2021.

EBiografia. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/paulo_gustavo/>. Acesso em: 06/07/2021.

Redatora: Nicéia Silva Mendes



COMUNIDADE LGBTQIA+ NA POLÍTICA BRASILEIRA

Os primeiros entraves relacionados às candidaturas políticas da população LGBTQIAP+ já se iniciam dentro do próprio ambiente político, uma vez que este lugar é imerso por uma cultura de intolerância. O deputado Inocêncio Oliveira (PFL-PE) assim disse: "Este projeto [de união civil entre pessoas do mesmo sexo] é uma pouca-vergonha, um desrespeito à Casa, é uma aberração contra a natureza!".

Outro deputado também protagonizou discursos deste gênero: "Vamos votar é agora mesmo este projeto, queremos saber a verdade da Casa, quem é quem nesta Casa." Deputado Nilson Gibson (PSB-PE) "Baitola, baitola!".

Essas foram as falas de parlamentares quando foi apresentado um projeto de lei que garantia a união civil entre pessoas do mesmo sexo. Dessa forma, é possível perceber que o contexto político brasileiro não é receptivo a esse grupo. O único representante LGBTQIAP+ na Câmara dos Deputados em 2019 era Jean Wyllys (PSOL-RJ), que optou em desistir do mandato e deixou o país por conta das inúmeras ameaças de morte que recebia. Esse fato demonstra o quanto a representatividade incomoda os cidadãos intolerantes do país.

Recentemente, o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, declarou publicamente ser gay, em uma entrevista do programa Conversa com Bial. Essa fala se deu no mês do orgulho LGBTQIAP+. Segundo ele: "Nesse Brasil, com pouca integridade nesse momento, a gente precisa debater o que se é, para que se fique claro e não se tenha nada a esconder.

Eu sou gay, eu sou gay. E sou um governador gay, não sou um gay governador, tanto quanto Obama nos Estados Unidos não foi um negro presidente, foi um presidente negro. E tenho orgulho disso. Não trouxe esse assunto, mas nunca neguei ser quem eu sou. Nunca criei um personagem, eu não tentei fazer as pessoas acreditarem em algo diferente. E tenho orgulho justamente dessa integridade".

Esta declaração foi muito importante, pois contribui para uma maior representatividade na política que, como descrito anteriormente, se configura como um ambiente hostil à diversidade.

Candidaturas LGBTQIAP+ no Brasil contemporâneo

Segundo a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), em 2010 houve um aumento de 122% nas candidaturas LGBTQIAP+. Além disso, há a percepção de que quanto mais os partidos são da esquerda, maior a prevalência de aliados. Em contraponto, o PSDB é uma exceção, pois é um partido de posição central que ocupa o terceiro lugar com mais aliados da causa.

Dos 35 partidos registrados, apenas 3 elegeram de fato candidatos representantes, o PSOL, o PC do B e a Rede. Nas eleições de 2018, essa comunidade teve um aumento em sua representatividade, apesar de ter apenas 8 políticos eleitos, de um total de 1655. Para explicar o conceito de direita e esquerda, pode-se citar Bresser-Pereira (1997),

cientista político brasileiro, o qual pontua que a direita e esquerda político-partidária consiste em terminologias que surgiram no processo revolucionário francês do final do século XVIII. No entanto, nos dias atuais foram universalizados para uma nova realidade, a de que quem está mais a direita faz parte de um grupo de pessoas, em um país capitalista e democrático, que defende a ordem acima de qualquer outra coisa. Em contraponto aos que estão na esquerda e assumem o risco de desestabilizar a ordem em prol da justiça.



De acordo com o cientista político José Artigas, a tendência do voto nominal, que é o voto em pessoas e não em partidos, é deturpado devido à intervenção do poder econômico. Dessa forma, as minorias não conseguem ter voz, o que corrobora para um contexto em que a maioria nega os direitos e liberdades das minorias, fator que prejudica a democracia. É por conta disso que cada vez mais é preciso que haja mais apoio às candidaturas diversas, pois assim é possível que mais projetos de leis voltados a essa comunidade se desenvolvam. É preciso que as suas demandas sejam supridas, a partir de políticas públicas pensadas, aprovadas e executadas por pessoas com seus respectivos lugares de fala e que representam a causa.

Referências

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Por um partido democrático, de esquerda e contemporâneo. Lua Nova: **Revista de Cultura e Política**, São Paulo: Lua Nova, n. 39, 1997, pp. 53-71.

Eduardo Leite declara publicamente, pela primeira vez, que é gay. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/07/02/eduardo-leite-declara-publicamente-pela-primeira-vez-que-e-gay.ghtml>. Acesso em 9 de julho de 2021.

GUIMARÃES, Lena. Pouca representatividade LGBT na política expõe falha na democracia. **Portal Correio**. 2018. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/pouca-representatividade-lgbt-na-politica-expoe-falha-na-democracia/> Acesso em 29 de junho de 2021.

SANTOS, Gustavo Gomes da Costa. Diversidade sexual, partidos políticos e eleições no Brasil contemporâneo. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 21, p. 147-186, 2016.

SARAIVA, Julia. Representatividade na política: onde estão os LGBTs?. **Código AUN**. Disponível em: <http://codigo.inf.br/aun/politica/representatividade-na-politica-onde-estao-os-lgbts/> 2019. Acesso em: 29 de junho de 2021.

Redatora: Ana Paula Chiarelli

TEORIAS QUEER: UM CONVITE AO DEBATE

A modernidade e o capitalismo produziram novas formas de nos relacionarmos em sociedade, que calcula agora a vida em taxas de interesse, satisfação e produção. Essa nova forma de relação, que visa objetificar e mercadorizar as pessoas, também acabou por gerar formas de reação à mercantilização da vida, trazendo uma nova forma de compreender os corpos, sexos e gêneros da espécie humana.

É nesse contexto que surge o movimento queer. Segundo Preciado (2011, p. 11): “os movimentos queer na Europa inspiram-se nas culturas anarquistas e nas emergentes culturas transgêneros para combater o ‘Império Sexual’, propondo, notadamente, uma desontologização das políticas de identidades”.

O movimento queer prega então a concepção de que somos multidões diversas e que são esses grupos que importam e não a diferença sexual. Essa perspectiva não preconiza o abandono das identidades, mas sim busca a retirada da concepção de uma base natural (homem, mulher, homossexual, heterossexual, etc) pela adoção da concepção das multidões queer. O objetivo da retirada dessa base é a adoção de uma concepção sexual, corporal e de gênero que se baseie na perspectiva política e não no viés das relações sexuais.

Para Preciado (2011, p.16) o entendimento das pessoas como multidões queer vai em direção à luta: “contra os regimes que os constroem como ‘normais’ ou ‘anormais’: são os drag kings, as gouines garous, as mulheres de barba, os transbichas sem paus, os deficientesciborgues...”.

O aspecto mais importante das multidões queer é então as formas de resistências a subjetivações sexopolíticas. Esse movimento político se utiliza da reapropriação dos saberes e conhecimentos produzidos no âmbito do Império Sexual, através dos dispositivos da biotecnologia. Esses conhecimentos vão agora então para as mãos dessas minorias políticas, dos desviantes, anormais das multidões queer e podem então serem utilizadas como forma de resistência às formas de subjetivação sexual e a mercantilização da vida, produzida no do capitalismo.

A adoção da perspectiva de multidões queer, segundo Preciado (2011, p. 17) é: “um advento não tanto pós-moderno como pós-humano: uma transformação na produção, na circulação dos discursos nas instituições modernas (da escola à família, passando pelo cinema ou pela arte) e uma mutação dos corpos”.

Quanto ao pós-humanismo, ele provem da necessidade de superação do ser humano, ao menos, o do humanismo pregado pelo renascimento, visando construir uma nova relação entre humanidade e mundo, onde a humanidade é vista em seus termos e não somente como o centro de tudo. O pós-humanismo traria, então, uma perspectiva de simbiose entre o ser humano, a tecnologia e o mundo, onde esses pontos interagem de forma mais harmoniosa.

É importante destacar a importância e o enriquecimento que os movimentos queer trazem para o debate social e da sexopolítica, contudo é também relevante ressaltar que as regiões periféricas do capitalismo ainda sequer conseguiram assegurar o caráter da dignidade humana para suas populações, tanto no que tange ao aspecto social quanto histórico material e, portanto, as concepções sobre o pós-humanismo ainda podem nos parecer algo muito distante, mas ainda assim configuram-se como uma ferramenta para o desenvolvimento das nossas concepções de sujeitos, corpos, gêneros e sexos.



Referências

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*: Florianópolis, 2011. p. 11-20. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/yvLQcj4mxkL9kr9RMhxHdwk/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

Redator: Leonardo Tavares Pereira

COMO É SER UM LGBTQIAP+ NEGRO(A) EM UMA SOCIEDADE RACISTA E HOMOTRANSFÓBICA



(Crédito da imagem: Editoria de Arte/CB/D. A Press) CORREIO BRAZILIENSE. Artigo — 20 anos de Durban e população negra e LGBTQIA+: avanços e desafios. Acessado em 28 de junho de 2021. Online. Disponível em: Artigo — 20 anos de Durban e população negra e LGBTQIA+: avanços e desafios. (correio braziliense.com.br)

É sabido que a comunidade LGBTQIAP+ é bastante diversa, seja em questão de gênero, classe ou raça. Observando o cenário do nosso país, a partir de dados parciais de 2021, estes indicam que assassinatos contra pessoas um LGBTQIAP+ estão acontecendo cada vez mais precocemente, contra vítimas mais jovens e com maior violência, e seguem com números altos, apesar da pandemia. Segundo dados do grupo Gay da Bahia, a cada 36 horas, um brasileiro LGBTQIAP+. E quando se trata de cor, sabemos que a chance de estar nas estatísticas de violência, aumenta.

Afinal, o tempo todo o negro está vulnerável ao massacre, a exclusão social e aos danos diários, fruto da violência, especialmente, nas cidades grandes.

A vida das pessoas e populações negras, resultantes de discriminação e violência, estão profundamente enraizadas em nossas sociedades. É uma batalha, constante e diária ser LGBTQIAP+ negro, em uma sociedade racista e transfóbica, na qual sobreviver às opressões de um país é bastante difícil. Além disso, os crimes de racismo e transfobia são vivenciados diariamente nas relações interpessoais e institucionais.

De acordo com o Supremo Tribunal Federal (STF), o que trata de homofobia e transfobia, se enquadra na lei de racismo 7.716/89, como discriminação e preconceito. Entretanto, tal norma enfrenta a morosidade e resistência para ser sancionada com as inserções destas questões. Para a Ministra Carmem Lúcia Antunes, há a necessidade de assegurar o direito à vida e a liberdade de expressão das sexualidades, criminalizando a homofobia e a transfobia. O Instituto Brasileiro de Direito de Família – IBDFAM, destaca, a partir de Antunes, 2019, que:

Numa sociedade discriminatória como a que vivemos, a mulher é diferente, o negro é diferente, o homossexual é o diferente, o transexual é diferente. Diferente de quem traçou o modelo, porque tinha poder para ser o espelho e não o retratado. Preconceito tem a ver com poder e comando. [...] Todo preconceito é violência, toda discriminação é causa de sofrimento.

Diante da atual conjuntura, as conquistas para a população negra e LGBTQIAP+, vem sendo arduamente conquistadas, servindo como ponto de partida para um estudo mais aprofundado em atenção à fragilização de direitos e de ações públicas de melhoria à vida dessas pessoas. No Brasil, o critério proposto pela interseccionalidade, enfrenta as decorrências de uma estrutura social marcada pela desigualdade de acessos e a predominância de violação dos direitos, principalmente entre pessoas pretas e LGBTs.



Entretanto, a partir de estudos voltados para esta comunidade, o Instituto Internacional sobre Raça, Igualdade e Direitos Humanos (Raça e Igualdade), realizou um dossiê com investigação voltada ao estudo de violações contra a população LGBTQIAP+ afrodescendente no país e constatou que o desrespeito nas políticas de proteção e auxílio acabava por aumentar os índices de morte. Ademais, o mesmo Instituto, abordando a temática intitulada “Qual é a cor do invisível? A situação dos direitos humanos da população LGBTI negra no Brasil” (Raça e Igualdade), revela que as motivações para a violência contra essa população eram dadas, também, por orientação sexual, identidade de gênero e/ou expressão de gênero.

Neste sentido, a pesquisadora em pedagogia da travestilidade, assessora parlamentar e primeira garota-propaganda trans do Brasil, Maria Clara Araújo, enfatiza que as discriminações raciais ainda são múltiplas, por serem construídas em territórios diferentes e atravessadas por questões de classe. O site ALMAPRETA destaca, a partir de Lacerda, que:

Isso nos posiciona em lugares diferentes perante à sociedade atual. Ter esse reconhecimento vem do desenvolvimento de uma consciência crítica de que nem todos têm acesso, o que me faz estar numa posição de vigilância em relação às tentativas atuais de retrocessos dos nossos direitos, na questão de sexualidade e racial, e também de me opor ao que está colocado pela hegemonia branca e heteropatriarcal, sobretudo no que tange às políticas públicas.

Diante de toda dificuldade enfrentada por esta população, obstáculos vêm sendo superados em vários campos e sendo conquistados espaços na sociedade.

Outro fator importante se relaciona à representatividade. Érika Hilton representando esta população, assumiu o cargo de vereadora da cidade de São Paulo, como a primeira mulher trans ao chegar à Câmara Municipal, com mais de 50 mil votos. E, em Olinda, município de Pernambuco, Vinicius Castello assumiu o mesmo cargo, como o primeiro homem negro e assumidamente homossexual a ocupar a cadeira de gestão municipal. (ALMAPRETA).

Ainda, o cinema também vem contribuindo para o aumento da representatividade, abordando que a arte é essencial para a transformação desta federação.

Como o filme **Moonlight, sob a luz do luar** (2016)

A obra dirigida por Barry Jenkins é uma criação americana de 2016. A trama retrata a trajetória de um jovem rapaz negro e homossexual, morador da periferia de Miami. O filme aborda situações de violência, criminalidade e compreensão da sexualidade. (Culturagenial)



(crédito imagem: Culturagenial)



Referências

CORREIOBRAZILIENSE. Artigo — 20 anos de Durban e população negra e LGBTQIA+: avanços e desafios. Acessado em 28 de junho de 2021. Online. Disponível em: Artigo — 20 anos de Durban e população negra e LGBTQIA+: avanços e desafios. (correio braziliense.com.br)

CATRACALIVRE. Como é ser um LGBT negro em uma sociedade racista. Acessado em 28 de junho de 2021. Online. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/como-e-ser-um-lgbt-negro-em-uma-sociedade-racista/>.

NOGUEIRA, Sayonara; BENEVIDES, Bruna. Boletim N° 01/2021 Assassinatos contra travestis e transexuais em 2021. Rio de Janeiro: antrabrazil.org., 2021.

GRUPOGAYDABAHIA. Observatórios de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil em 2020. Acessado em 28 de junho de 2021. Online. Disponível em: grupogaydabahia.com.br/2021/05/14/relatorio-observatorio-de-mortes-violentas-de-lgbti-no-brasil-2020/

RACEANDEQUALITY. Dossiê da violência contra a população negra LGBT. Acessado em 28 de junho de 2021. Online. Disponível em: raceandequality.org/wp-content/uploads/2015/08/DossRede-Afro-2016.pdf.

RACEANDEQUALITY. Dossiê LGBTI Brasil Qual a cor do invisível. Acessado em 28 de junho de 2021. Online. Disponível em: raceandequality.org/wp-content/uploads/2020/11/FINAL_dossie-lgbti-brasil-ebook.pdf

ALMAPRETA. Como é ser negro (a) e LGBTQIA+ no país do racismo e da transfobia. Acessado em 28 de junho de 2021. Online. Disponível em: [https://Cultura\(almapreta.com\)](https://Cultura(almapreta.com)).

CULTURAGENIAL. 38 filmes com temática LGBT para refletir sobre a diversidade. Acessado em 28 de junho de 2021. Online. Disponível em: <https://www.culturagenial.com>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO DE FAMILIA – IBDFAM. Criminalização da homotransfobia pelo STF completa dois anos. Acessado em 28 de junho de 2021. Online. Disponível em: IBDFAM: Criminalização da homotransfobia pelo STF completa dois anos.

Redatora: Fernanda Santana dos Santos

UFPEL ADOTA COTA DE 5% DAS VAGAS NA PÓS-GRADUAÇÃO PARA TRAVESTIS E TRANSSEXUAIS EM TODOS OS SEUS PROGRAMAS

A comunidade LGBTQIAP+ viveu e ainda vive grandes situações de discriminação e preconceito e isso, muitas vezes, impede que estudantes deste grupo, sigam em uma graduação ou pós-graduação, de acordo com pesquisa realizada pela Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino (Andifes), em 2019, a qual mostrou que dos 424 mil estudantes matriculados nas federais, apenas 0,1% se declarou homem trans e 0,1% mulher trans. A fim de reduzir essas desigualdades, muitas universidades vêm criando ações afirmativas para garantir reserva de vagas para determinadas populações. Neste ano, o Conselho Universitário da Universidade federal de Pelotas (UFPEL) aprovou uma normativa que prevê a reserva de 5% das vagas para ingresso de travestis e transexuais, em todos os programas de pós-graduação da universidade. Essa iniciativa visa democratizar o acesso à pós-graduação, além de garantir a permanência dos estudantes e reduzir as desigualdades. A aprovação da normativa atende a reivindicações históricas de movimentos sociais e entidades representativas. A elaboração do documento contou com o apoio do Núcleo de Gênero e Diversidade (NUGEN), da Coordenação de Inclusão e Diversidade (CID) e da Coordenação de Pós-Graduação (CPG).

Outras universidades tomaram a mesma iniciativa e fizeram alterações em suas políticas de cotas nos cursos de pós-graduações. Em 2019, a universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) criou a reserva de vagas para pós-graduação, nos cursos de História e Serviço Social. Da mesma forma, no ano seguinte, a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) distribuiu 50% das vagas em ações afirmativas, sendo 5% para travestis, transexuais e transgêneros no Mestrado em Comunicação e Territorialidades. Outras universidades seguem a proposta como a Universidade Federal do ABC (UFABC), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Universidade federal de Pernambuco, (UFPE). Tais ações são de extrema importância, pois visam reverter a invisibilidade dessa população dentro da universidade, já que essa instituição educacional deve acolher toda comunidade sem discriminação fazendo com que não somente ingressem, mas que possam concluir, com êxito, seus estudos.





Referências

UFPel aprova reserva de vagas para travestis e transexuais em todos os seus programas de pós-graduação. UFPEL. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2021/05/04/ufpel-aprova-reserva-de-vagas-para-travestis-e-transexuais-em-todos-os-seus-programas-de-pos-graduacao/>

Ao menos 12 universidades federais do país têm cotas para alunos trans. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/05/ao-menos-12-universidades-federais-do-pais-tem-cotas-para-alunos-trans.shtml>

História aprova política de cotas na pós-graduação. UFJF Notícias. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2019/08/02/historia-aprova-politica-de-cotas-na-pos-graduacao/>

UFJF adota política de cotas no programa de pós-graduação em História. G1 zona da mata. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2019/08/03/ufjf-adota-politica-de-cotas-no-programa-de-pos-graduacao-em-historia.ghtml>

FERNANDA COUZEMENCO. Ufes lança sua primeira pós-graduação com 50% das vagas para ações afirmativas. Século diário. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/educacao/ufes-lanca-sua-primeira-pos-graduacao-com-50-das-vagas-para-aco-es-afirmativas>

João Pedro Rojas e Lucas Marques. Cotas para pessoas trans e travestis são aprovadas no programa de pós-graduação em antropologia do IFCH da Unicamp. Esquerda online. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2020/06/20/cotas-para-pessoas-trans-e-travestis-sao-aprovadas-no-programa-de-pos-graduacao-em-antropologia-do-ifch-da-unicamp/>

Redatora: Milena da Silva Langhanz

SAÚDE SEM PRECONCEITO.. UM DIREITO DE TODAS E TODOS!

Você sabia que é um direito de toda cidadã e de todo cidadão um atendimento acolhedor e humanizado, livre de qualquer preconceito, discriminação e negação acerca de sua orientação sexual ou identidade de gênero?

No Brasil, um grande obstáculo enfrentado pelo público LGBTQIAP+ nas instituições de saúde ainda são os preconceitos e julgamentos vindos de profissionais da equipe multidisciplinar, que se vinculam à falta de conhecimento e sensibilidade frente às necessidades existentes, fazendo com que esses indivíduos tenham menor acesso aos serviços de saúde. Em 2009 foi aprovada, pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Essa política é um marco histórico de reconhecimento das demandas desta população em condição de vulnerabilidade e tem a finalidade de promover a saúde integral desse público eliminando a discriminação e o preconceito institucional e contribui para a redução das desigualdades e a consolidação do SUS como sistema universal, integral e equitativo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013).

Porém, apesar de existirem, resistirem e ocuparem os espaços da sociedade, a população LGBTQIAP+ ainda se encontra invisível na efetivação dessas políticas públicas (SANTOS, JS; SILVA, RN; FERREIRA, MA, 2019). Sendo assim, discutir as demandas e particularidades dessas pessoas no Brasil é visto como um grande desafio, que deve ser debatido com órgãos governamentais da saúde, a fim de trazer cada vez mais igualdade e direito de ser o que se é, sem preconceito e com respeito. Pode-se dizer que o maior papel da enfermagem para o público LGBTQIAP+ é a garantia de uma assistência digna e humanizada, desde a atenção primária em saúde, respeitando as diferenças e proporcionando um atendimento de qualidade (REVISA, 2019).

DIGA NÃO AO PRECONCEITO

O SUS É PARA TODAS E TODOS



Referências

Moraes-Filho IM, Alves CMR, Gonçalves MTAM, Carvalho-Filha FSS, Viana LMM, Alves P. O papel da enfermagem no rompimento dos preconceitos LGBT nos serviços de saúde. *REVISA*. 2019;8(3): 242-5. Disponível em: <file:///C:/Users/Ang%C3%A9lica/Downloads/OpapeldaenfermagemnorompimentodospreconceitosLGBTnosservicosdesaude.pdf> Acesso em 05 de julho de 2021.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília : 1. ed., 1. reimp. Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf Acesso em: 04 de julho de 2021.

Santos JS, Silva RN, Ferreira MA. . Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery. **Saúde da população LGBTI+ na Atenção Primária à Saúde e a inserção da Enfermagem**. Brasil, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/dzYKmCyv3MTJN3ZXVRN75Kg/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 05 de julho de 2021.

Redatora: Jéssica Volz Bohrer



PÚBLICO LGBTQIAP+ E O MERCADO DE TRABALHO

Estamos em um momento de mudanças expressivas na sociedade em relação a várias pautas que antigamente, nem se pensaria que estariam na discussão. Trata-se de um momento em que as chamadas “minorias” buscam por equidade em vários setores da vida social.

O mundo tem observado e se engajado em algumas causas, buscando reparações na vida de alguns grupos que até os dias de hoje ainda sofre algum tipo de discriminação. Um exemplo concreto é o público LGBTQIAP+ em relação ao mercado de trabalho.

Você já foi atendido por alguma mulher trans ou homem trans em alguma empresa? Provavelmente não. A falta de inclusão destas pessoas se torna uma exclusão, o que se torna sistemático, pois os que mais sofrem exclusão são travestis e transexuais; e estes muitas vezes por falta de acesso ao mercado de trabalho veem a prostituição como uma saída para sobreviver.

O público LGBTQIAP+ busca por cidadania e direitos humanos há séculos. Estas pessoas passam por discriminações diárias em todas as fases de sua vida por não se encaixarem em uma heteronormatividade.

No tocante ao mercado de trabalho, nosso país vive uma crise no setor de empregos que tem se arrastado ao longo de anos, mas especialmente pós pandemia de Covid-19. Em 2018 o índice era de 11,6% de desempregados (IBGE).

Quando o recorte da população observada faz parte de alguma minoria a discrepância se torna maior, afinal este público já é excluído do mercado de trabalho, pelo preconceito que os persegue o que gera exclusão, violação de direitos, dificuldade do acesso à educação e ao mercado de trabalho. Atualmente o índice de desemprego no Brasil está em 14,7%, o que representa 14,8 milhões de pessoas desempregadas (IBGE).

Mas quais as dificuldades que o público LGBTQIAP+ enfrenta para ingressar no mercado de trabalho?

Existe uma luta constante para a criação de leis mais rigorosas contra a homofobia e preconceitos de gênero, além da criação de regras mais inclusivas, mas o desafio para encontrar um trabalho já é difícil para heterossexuais, para o público LGBTQIAP+ é mais desafiador ainda.

Segundo a pesquisa realizada pelo Center For Talent Innovation, publicada no site do grupo de pesquisa Coqual (2016): 61% dos funcionários gays e lésbicas optam por esconder sua sexualidade de gestores e colegas, por medo de perder o emprego; 33% das empresas no Brasil não contrataria um LGBTQIAP+ para um cargo de chefia; 41% dos funcionários LGBTQIAP+ afirmam terem sofrido algum tipo de discriminação no ambiente de trabalho em relação a orientação sexual e identidade de gênero e 90% de travestis se prostituem por não conseguir outro emprego, até mesmo os que possuem boas qualificações.

Os debates sobre as questões LGBTQIAP+ tem aumentado cada vez mais nos levando a evoluir como sociedade, mesmo que algumas vezes a passos curtos, porém mudanças significativas vem ocorrendo.

As empresas multinacionais são as que vem implantando fóruns de direitos LGBTQIAP+; com o objetivo de criar condições e assegurar políticas práticas para inclui-los ao mercado de trabalho.

Os avanços da inclusão a essas pessoas ao mercado de trabalho seriam maiores caso os colaboradores assumissem sua orientação sexual no mundo corporativo, mas isso não ocorre em razão de tabus, preconceitos e ambiente hostil das organizações.

Uma das iniciativas das grandes corporações que apoiam a causa é a adesão de uma carta chamada: DEZ COMPROMISSOS DA EMPRESA COM A PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS LGBTQIAP+. Ela fala sobre construção de ambiente respeitoso e com comunicação adequada, engajamento da alta liderança entre outros.

O Brasil precisa de diversos avanços quando se aborda os assuntos relacionados a comunidade LGBTQIAP+ no mercado de trabalho. Existem várias estratégias para pessoas com deficiência, diversidade racial e de gênero; mas as articulações voltadas aos homossexuais são raras e mesmo assim, algumas vezes, não passa de teoria.

Esse debate está longe de acabar e precisa ser visto como um importante pauta social e de discussão urgente. É necessário um acompanhamento desde os primeiros anos de ensino a essas pessoas, pois é lá que eles começam a ser marginalizados e excluídos.

Tal fato se arrasta para o restante de suas vidas o que leva a uma exclusão atrás da outra e quando chegam no momento de ingressar no ambiente de trabalho, muitos não têm as qualificações mínimas exigidas e quando as tem, não são vistos pelas corporações como potenciais funcionários destas empresas, graças ao preconceito enraizado na vida deles (as).



Referências

LEITE, Ygor. Levantamento estatístico e análise social da inclusão LGBT no mercado de trabalho no polo industrial de Manaus. Aprepro, 2020. Disponível em: https://aprepro.org.br/combrep/2020/anais/arquivos/10192020_141011_5f8dd15ba824c.pdf. Acessado em 28, junho 2021.

Site: <https://blog.santosadvogadosassociados.com/lgbt-mercado-de-trabalho/> Acessado em 26, junho 2021.

Redatora: Bianca Leocadio Duarte

DICAS CULTURAIS!

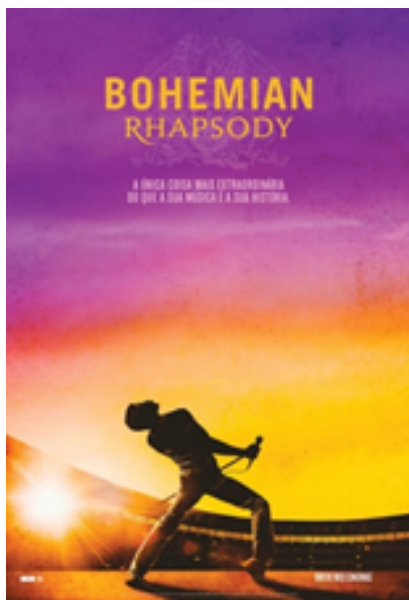


A representatividade na indústria cinematográfica e literária possui grande importância para a população LGBTQIA+. Os filmes e livros são capazes de transmitir emoções, trazer novas perspectivas de vida, causar comoção e um entendimento melhor do próximo pelo telespectador e, em muitos casos, nos transportar para um novo universo ou nova vivência, através dos livros.

As dicas culturais selecionadas são exemplos de como a arte, de modo geral, pode trazer uma maior visibilidade à causa LGBTQIA+. A cultura provoca discussões importantes e se torna uma ferramenta para a quebra de estigmas e preconceitos enraizados na sociedade. Assim, torna-se uma importante forma de construir uma consciência coletiva sobre os diversos obstáculos enfrentados pela comunidade LGBTQIA+ que, em pleno século XXI, ainda precisa lutar pelo simples direito de viver.



Marina, uma mulher transgênero, vive um relacionamento com Orlando, um homem 20 anos mais velho que deixou sua família para ficar com ela. Após a morte súbita de seu parceiro, Marina é confrontada pelos parentes de Orlando, que lhe tratam com preconceito e desconfiança. Em uma das cenas do filme, um médico, confuso com a identidade de gênero de Marina, não sabe como atendê-la. Uma mulher fantástica foi exibido no Festival de Berlim em 2017, no qual recebeu o prêmio de Melhor Roteiro, Melhor Filme pelo Júri Ecumênico e o prêmio Teddy, categoria na qual só concorrem títulos com temática LGBTQIA+.

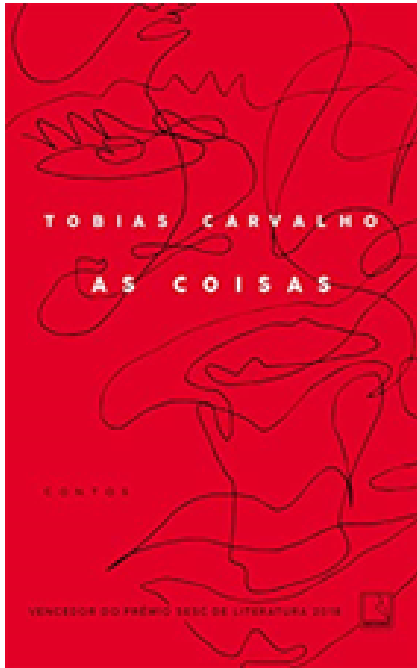


Freddie Mercury (Rami Malek) e seus companheiros Brian May (Gwilyn Lee), Roger Taylor (Ben Hardy) e John Deacon (Joseph Mazzello) mudam o mundo da música para sempre ao formar a banda Queen, durante a década de 1970. Porém, quando o estilo de vida extravagante de Mercury começa a sair do controle, a banda tem que enfrentar o desafio de conciliar a fama e o sucesso com suas vidas pessoais cada vez mais complicadas. O filme aborda, ainda, uma temática importante, que foi justamente o surgimento do HIV/AIDS.

Em 1939, a recém-criada agência de inteligência britânica MI6 recruta Alan Turing, um aluno da Universidade de Cambridge, para entender códigos nazistas, incluindo o "Enigma", que criptógrafos acreditavam ser inquebrável. A equipe de Turing, incluindo Joan Clarke, analisa as mensagens de "Enigma", enquanto ele constrói uma máquina para decifrá-las. Após desvendar as codificações, Turing se torna herói. Porém, em 1952, autoridades revelam sua homossexualidade e a vida dele vira um pesadelo.



Seria pouco dizer que os contos de Amora versam sobre relações homossexuais entre mulheres. Também estão aqui o maravilhamento, o estupor e o medo das descobertas. O encontro consigo mesmo, sobretudo quando ele ocorre fora dos padrões, pode trazer desafios ou tornar impossível seguir sem transformação. É necessário avançar, explorar o desconhecido, desestabilizar as estruturas para chegar, enfim, ao sossego de quem vive com honestidade.



O livro “As coisas”, de Tobias Carvalho foi o vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2018, na categoria Contos. Trata-se de uma escrita sensível e implacável, embora limpa e simples, As coisas traz uma costura de vivências humanas sob a ótica de um jovem homossexual. O personagem constante dessas histórias trabalha, viaja, estuda, cruza ruas de metrópoles agitadas, passa horas em aplicativos de encontros sexuais. Não há maquiagens para a solidão, nem disfarce para o sexo. Ele sente, ele quer, ele ganha e perde, transformando-se de história em história e construindo um arco narrativo que alicerça todo o livro.

No livro “Um milhão de finais felizes”, de Vítor Martins, Jonas não sabe muito bem o que fazer da vida. Entre suas leituras e ideias para livros anotadas em um caderninho de bolso, ele precisa dar conta de seus turnos no Rocket Café e ainda lidar com o conservadorismo de seus pais. Mas é quando conhece Arthur, um belo garoto de barba ruiva, que Jonas passa a se questionar por quanto tempo conseguirá viver sob as expectativas de seus pais, fingindo ser uma pessoa diferente de quem é.



Redator: Allef Algemiro Gawlinski de Ávila

PET diversidade & tolerância.

MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O PET DT:



Coordenação: Professora Lorena Almeida Gill

Corpo discente: Ana Paula Chiarelli (Psicologia) Allef Algemiro Gawlinski de Ávila (Enfermagem), Bianca Leocadio Duarte (Nutrição), Dulcinéia Esteves Santos (Medicina veterinária), Eliana Duarte da Rocha (Psicologia), Fernanda Santana dos Santos (Agronomia), Jéssica Volz Bohrer (Enfermagem), Leonardo Tavares Pereira (História), Liésia Bubolz Rutz (Pedagogia), Luana Durante Oliveira (Letras Português), Milena da Silva Langhanz (Nutrição), Nicéia Silva Mendes (Pedagogia).

Diagramação e Edição: Luana Durante.